

O HOMEM COMO DEUS E CRIADOR

Richard Smoley

Seja qual for a nossa linhagem espiritual, a maioria de nós admitirá que somos, de alguma maneira, "criados à imagem e semelhança de Deus." Algumas tradições chegaram mesmo a forçar essa idéia ao ponto de descrever como é que o corpo humano se assemelharia ao corpo divino, ou tentando aproximar a nossa mente racional à inteligência que formou o universo. Embora não se possa negar que exista alguma sabedoria nessas posturas, talvez a semelhança entre Deus e o Homem possa ser levada ainda mais adiante. E se, como o seu Criador, o próprio homem fosse o criador de um universo de seres vivos?

Podemos todos aceitar essa idéia até certo ponto: para uma célula na minha corrente sanguínea ou um neurônio no meu cérebro, "eu" sou o universo. Mas podem existir formas muito mais sutis na maneira que podemos gerar um cosmos de seres à nossa volta - seres que existem nos mundos "psíquicos" ou "espirituais". E se aceitarmos isso, iremos notar que alguns desses seres - como aqueles do universo maior - buscam ajudar e honrar o seu criador, enquanto que outros o odeiam, rejeitam e lhe fazem oposição.

Por mais estranho que isso possa parecer, encontramos corroboração disto num espantoso número de tradições esotéricas, assim como em alguns psicólogos. O psicólogo clínico Wilson Van Dusen gastou vários anos na década de 1960, trabalhando num hospital psiquiátrico em Ukiah, Califórnia. Durante esse tempo, entrevistou um grande número de pacientes esquizofrênicos e psicóticos, muitos dos quais ouviam "vozes" internas falando dentro das suas cabeças. Enquanto algumas dessas "vozes" pareciam ser seres superiores imbuídos de compaixão, sabedoria e respeito pelo paciente, a maioria era de ordem inferior:

"Vozes de ordem inferior são semelhantes aquele bêbado num bar que gosta de aborrecer e atormentar, apenas pelo prazer disso. Elas (as vozes) sugerem atos obscenos e depois acusam o paciente apenas por leva-las em consideração. Elas encontram um ponto fraco na consciência e trabalham sobre este interminavelmente.... Elas chamam o paciente de todo palavrão concebível, sugerem todo o tipo de ato obsceno, roubam as idéias diretamente da consciência, ameaçam de morte e trabalham sobre a credulidade do paciente de todas as maneiras."(1)

Os próprios pacientes colocam objeções ao termo "alucinação" para essas vozes e com freqüência cunham as suas próprias denominações, como "A Outra Ordem" ou "Os Espiões", etc. Depois de examinar milhares desses casos, Van Dusen ficou espantado pela semelhança dessas descrições de "alucinações" com os espíritos descritos pelo místico do século dezoito, Emanuel Swedenborg:

"As alucinações de nível inferior atuam contra a vontade do paciente e são extremamente verbais, persistentes, agressivas e malevolentes. Elas fazem uso de truques para enganar os paciente com relação aos seus poderes sobre eles, ameaçam, seduzem, impõem e minam de todas as formas concebíveis. Essas são todas as características de possessão por espíritos malignos."(2)

De onde vêm esses espíritos? O próprio Swedenborg aparentemente via os espíritos malignos como fenômenos externos, algo que ingressava no sofredor, como ele mesmo disse, "O homem não produz nada falso ou maligno a partir dele próprio, mas são os espíritos malignos dentro dele que produzem (tais atos), e ao mesmo tempo fazem o homem acreditar que foi ele que os produziu".(3)

Swedenborg, cuja visão interna permitiu atravessar as dimensões do céu e do inferno e registrá-las com uma riqueza que raramente foi igualada, acreditava que todos os espíritos existiram sobre a terra em algum momento ou outro. Ele também afirmava que o mundo dos espíritos e o mundo dos homens normalmente estão separados, mas que essas barreiras às vezes são enfraquecidas, "por aqueles que se envolveram demais em fantasias, de tal maneira a se afastarem das delícias que são apropriadas ao homem natural". Neste ponto, as entidades de ordem inferior ingressam na realidade humana. A psicologia clínica oficial poderá não aceitar essa interpretação de tais "vozes", mas ainda assim, tal idéia recebeu certo credenciamento por C.G. Jung, que certa vez observou, "Tenho de admitir que a hipótese dos espíritos produz, na prática, melhores resultados do que qualquer outra".(4)

Ainda assim, enquanto algumas dessas "vozes" possam representar um contato genuíno com entidades independentes, existe algo de insatisfatório sobre a noção de Swedenborg de que o "homem não produz nada de falso ou de maligno a partir dele próprio". Isto porque esses espíritos malignos tem uma outra característica: eles não sabem nada além do que o sofredor sabe: "As alucinações de ordem inferior estavam de algum modo presas e limitadas às próprias experiências do paciente... Frente à sua afirmação de possuírem uma identidade separada, a sua ignorância ou o seu ocultamento de qualquer fato (local de nascimento, instrução, nome, história pessoal) que confirmasse isto, sempre foi algo chamativo." (5)

"Serão esses espíritos malignos simplesmente as almas de seres humanos que já morreram? Se assim for, por que é que as suas personalidades são tão nebulosas? Por que perdem toda a recordação pessoal de forma tão completa ao ingressarem em suas vítimas?" (6) Apesar de não rejeitar inteiramente a perspectiva de Swedenborg, acredito que temos de considerar a possibilidade que esses "espíritos" foram produzidos por aqueles que os experienciam. Consideremos esta perspectiva do sábio judeu, Adin Steinsaltz:

"Existem também anjos que estão sendo continuamente criados em todos os mundos e, especialmente, no mundo das ações onde pensamentos, tarefas e experiências dão origem a anjos de diferentes tipos. Cada mitzvah (tarefa correta), que um homem faz não somente é um ato de transformação no mundo material, mas é também um ato espiritual, sagrado em si mesmo. Esse aspecto de espiritualidade concentrada e de santidade no mitzvah é o principal componente daquilo que vem a ser um anjo."(7)

A palavra "anjo" vem do grego *angelos*, significando "mensageiro"; o equivalente em hebraico, *malakh* possui exatamente a mesma conotação. Daí os anjos serem literalmente os mensageiros que transmitem os nossos pensamentos e intenções, assim como as de Deus. É lógico, como Steinsaltz segue dizendo, existe o outro lado da moeda: "Assim como existem anjos santos e criados pelo sistema sagrado, também existem anjos destrutivos, chamados de demônios ou diabos que são emanções das

conexão do homem com aqueles aspectos da realidade que estão opostos à santidade".
(8)

Assim é bastante possível que, como o próprio Deus, nós humanos, com os nossos pensamentos e intenções, criamos mundos de entidades vivas à nossa volta. Essas entidades podem ser vistas como "anjos" e "demônios" e podem ser tão fracas quanto as imagens momentâneas dos nossos pensamentos transitórios nas nossas mentes, ou poderão assumir a forma de desejos poderosos ou de impulsos; algumas vezes eles podem mesmo ser vistos como espíritos, que devem as suas existências a nós, mas que conduzem sua existência dentro de todas as perspectivas e propósitos, de forma autônoma. Como Steinsaltz indica, esse processo não tem de necessariamente assumir um aspecto metafísico: "Quando estamos no processo de criar o anjo, não temos percepção da sua criação... de fato, com frequência acontece do anjo acabar se revelando na natureza, no mundo ordinário da causalidade e do bom senso e somente uma intuição profética ou ação divina poderá mostra-lo como, e em que extensão, eles são frutos de forças superiores." (9)

Como é realizada essa "criação"? Um relato desse processo aparece no "Meditações Sobre o Tarô", do hermeticista báltico-germano Valentin Tomberg. Este, por razões que irei discutir mais tarde, distingue entre a criação de entidades angelicais e demoníacas e descreve assim a criação de demônios: "Assim como toda geração, aquela dos demônios é o resultado da cooperação do princípio masculino e feminino, isto é, a vontade e a imaginação, no caso da geração através da vida psíquica de um indivíduo. Um desejo que seja perverso ou contrário à natureza, seguido pela imaginação correspondente, constitui o ato de geração de um demônio".(10)

A sabedoria judaica também nos conta que depois da queda, Adão "gerou espíritos malignos"- demônios masculinos e femininos.(11) Em geral, portanto, parece que o processo se inicia pela intenção - de qualquer dimensão ou intensidade. Então uma certa quantidade de energia psíquica deve ser canalizada na sua direção, geralmente através do uso da imaginação. Lembremo-nos que, embora Swedenborg não acreditasse que os seres humanos pudessem engendrar espíritos, ele disse que eles iriam se intrometer "naqueles que se deixavam levar em demasia pelas fantasias".

Vários pontos devem ser enfatizados aqui. Em primeiro lugar, embora as pessoas estejam dotadas de diferentes níveis de capacidades de vontade e imaginação, nenhuma está totalmente isenta delas; elas são tão básicas para a nossa existência quanto comer e beber. Daí não ser necessária a posse de poderes ocultos especiais para criarmos "anjos" e "demônios".

Em segundo lugar, esse processo não necessita envolver uma participação consciente do interessado. A maioria de nós possui apenas um controle imperfeito da nossa vontade e imaginação; elas são máquinas poderosas que produzem os seus produtos freqüentemente sem a nossa supervisão e algumas vezes contra a nossa própria vontade. Em terceiro lugar, se considerarmos a vontade e a imaginação como mecanismos da psique, várias formas de psicose e de esquizofrenia poderiam ser consideradas como mau funcionamento desses mecanismos cujos produtos passam a receber mais energia que o normal.

Isso iria engendrar entidades que são mais poderosas e mais insistentes, e mais desconectadas das suas origens do que a maioria. (Isto não quer dizer, é lógico, que haja qualquer pressuposto sobre o que está acontecendo em nível neurológico. O mau funcionamento psíquico pode e certamente envolve certos processos neurológicos, que podem ser alterados por drogas ou cirurgia, entre outras coisas.)

Vários pensadores conectaram esses "demônios" internos aos complexos da psicologia do século vinte. Eles estão correlacionados de fato? Para responder isso, pode ser útil recapitular aquilo que aprendemos sobre os demônios. Eles freqüentemente se manifestam como vozes internas e algumas vezes, como aparições; são persistentes, hostis e bastante estúpidos; eles parecem nunca saber mais do que as suas próprias vítimas e geralmente sabem menos. Finalmente, eles são experienciados como algo autônomo, separado de suas vítimas. Ora, Jung define os complexos como "psiques fragmentárias que foram separadas do todo". Ele também diz que "os complexos se comportam... como demônios e parecem deliciar-se em pregar peças de mau gosto... São como os atores nos nossos sonhos, a quem confrontamos de forma tão impotente... Como se poderia esperar, em termos teóricos, esses complexos de mau gosto são incapazes de serem educados."(12)

A definição de Jung aponta para algo extremamente importante: os demônios são criados, não apenas pela vontade e imaginação, mas pela negação. O demônio geralmente é uma entidade negativa: Mefistófeles se apresenta a Fausto de Goethe dizendo, "Ich bin der Geist, der stets verneint" ("Sou o espírito que sempre nega"). E como são os doze passos do Programa de Combate ao Demônio do Alcoolismo? De início, admitir que se é um alcoólatra - aceitando aquilo que antes era negado. (Ao mesmo tempo os demônios podem ser também produzidos por uma ligação excessiva, ao ficarmos obsessivamente presos a algo que deveria ser liberado.).

A negação, logicamente pode variar tremendamente em grau e intensidade. A maioria dos demônios são, como também os nossos complexos, limitados às psiques dos seus criadores; Van Dusen entrevistou milhares de esquizofrênicos sem ficar possuído. Mas também parece que existem momentos onde o demônio pode estar tão separado da sua origem, ou seja, quando a energia da negação for tão intensa, que ele pode alcançar algum grau de autonomia. Essa questão é considerada por Alexandra David-Neel, uma francesa que viajou extensamente no Tibete no início deste século. Ela cita um lama com que estava discutindo estes tópicos:

"Visualizar formações mentais, seja voluntariamente ou não é um processo misterioso. O que acontece com essas criações? Poderá ser que, como crianças nascidas da nossa própria carne, essas crianças da mente separam suas vidas das nossas, escapam ao nosso controle e acabam vivendo as suas próprias partes? ...Não temos então que considerar que não somos os únicos capazes de tais formações? E se tais entidades existem no mundo, não estaremos expostos a entrar em contato com elas, seja pela vontade dos seus criadores ou de alguma outra causa?"(13)

Se formos buscadores responsáveis, quando necessário, como parte do processo de purificação espiritual, teremos de limpar os erros que fizemos, e então teremos que lidar com esses "filhos das nossas mentes", os nossos próprios pensamentos negativos, nossos desejos reprimidos ou negados, os esgotos rejeitados das nossas mentes. Por que, a menos que os confrontemos de alguma forma que lhes prive do seu poder, virão nos

rodear na atmosfera psíquica, contaminando nossa vida e possivelmente a de outros. O que temos de fazer?

Novamente os tibetanos nos fornecem alguns casos extremos do problema de encarar demônios. David-Neel descreve o ritual horrendo de chöd ou de "cortar fora", no qual o devoto imagina ritualmente que está sendo estripado e chama os demônios para vir se nutrir da sua carne, gritando, "Que a vergonha recaia sobre mim se me esquivar de oferecer o meu 'self'! Vergonha sobre vocês, seres malignos e demoníacos, se não ousarem me devorar..."(14) Em muitos casos, os devotos, cujas mentes já foram sensibilizadas por várias austeridades, experienciam esses assaltos dos demônios de forma muito palpável; alguns terminam sucumbindo à loucura, doença ou morte.

A experiência desses tibetanos se assemelha ao métodos dos Padres do Deserto, os fundadores da tradição monástica no Cristianismo Primitivo. Embora comumente se acreditasse que eles fugiam dos centros urbanos do mundo Romano para escapar à tentação, é possível que, pelo contrário, iam para a solidão para encará-la, imitando Jesus que "conduziu o espírito na solidão para ser tentado pelo demônio" (Mateus 4:1). O psiquiatra junguiano Alfred Ribi observa:

"[Os santos do deserto] buscavam a solidão de tal maneira que pudessem servir a seu Deus de maneira integral. Desde tempos imemoriais, o deserto foi considerado um lugar de demônios. Diz-se que quando o Cristianismo começou a se espalhar nas cidades da antigüidade, os deuses pagãos que ali residiam se retiraram para o deserto. Desta maneira, no campo do Cristianismo, eles se transformaram em demônios. Conforme as palavras de Paulo em Efésios 6:12, 'não lutamos contra a carne ou sangue, mas contra as principalidades, contra poderes, contra os dominadores das sombras deste mundo, contra a malícia espiritual nos lugares elevados'. Esses homens e mulheres pios estavam justamente buscando pela luta com as forças invisíveis que chamamos de espíritos ou demônios".(15)

Podemos ver, então, que o objetivo do buscador atual está muito próximo daqueles ascéticos: temos de encarar aquilo que criamos através da nossa própria vontade, imaginação, negação, assim como eles tinham de confrontar os demônios da antigüidade. As formas que atualmente nos estão disponíveis podem ir da meditação à psicoterapia, do trabalho com sonhos a simplesmente estar consciente da atuação destas forças na nossa vida diária. Ainda assim o processo é o mesmo, assim como o objetivo: a purificação e a regeneração pelo ato de encarar os demônios que literalmente viemos a criar.

Sugere-se que os Padres do Deserto lutavam não apenas contra os seus demônios pessoais, mas sim, contra o mal coletivo do seu tempo. Como Tomberg diz: "As famosas 'tentações' de Santo Antônio não foram, para dizer a verdade, apenas tentações onde estava em jogo a salvação e progresso da sua alma, mas, pelo contrário, foram atos de cura da humanidade do seu tempo do problema da possessão demoníaca. Foram atos de mágica sagrada, trazendo os demônios frente à luz da consciência, através da qual foram reduzidos à impotência. Santo Antônio empurrou os demônios da escuridão em direção à luz da consciência do 'filho do homem'. Eles os tornou visíveis e assim, impotentes." (16)

E com relação à nós? Temos de encarar os demônios coletivos assim como os individuais? Se assim for, isto sugere que num certo ponto, a luta da auto-realização se torna maior que o indivíduo, ela se torna verdadeiramente "transpessoal". Finalmente, descobrimos que a luta interna não é meramente contra as "minhas" neuroses ou complexos ou demônios, mas contra aqueles do nosso tempo e lugar na história. A luta então é feita agora, não mais pelo benefício do indivíduo, mas pelo de todas as gentes, pela humanidade como um todo. Isto, por sua vez, nos conduz à questão de se um grupo de indivíduos pode consciente ou inconscientemente, criar entidades do tipo que estamos discutindo. Novamente, os ensinamentos esotéricos dizem que podem; existe até mesmo um nome para essas entidades. Tomberg observa:

"Existem hierarquias que são da 'esquerda' e que atuam dentro dos limites da lei, executando uma função estritamente justa na sua capacidade de acusadores e 'testadores' - enquanto de outro lado, existem os 'micróbios do mal' ou entidades artificialmente criadas por seres humanos encarnados. Essas últimas, são demônios cuja alma é uma paixão especial e cujo corpo é a totalidade das vibrações 'eletromagnéticas' produzidas por essa paixão. Esses demônios artificiais podem ser gerados por comunidades humanas - tais são os 'deuses' monstruosos dos Fenícios, Mexicanos e mesmo dos Tibetanos dos dias atuais. O Moloch de Canã, que exigia o sacrifício sangrento do primogênito, mencionado com tanta freqüência na Bíblia, não é uma entidade hierárquica - ou bom ou mal - mas sim uma egrégora maligna, isto é, um demônio criado artificialmente e de forma coletiva por comunidades humanas preenchidas com a força motivadora do medo." (17)

Aqueles que servem às egrégoras estão assim na posição peculiar de adorar as suas próprias criações, uma situação que costuma ser chamada de idolatria. Agora podemos distinguir entre uma deidade genuína - um ser superior que existe por direito próprio e representa uma função ou aspecto do universo - das várias egrégoras que foram geradas ao longo dos séculos? Se uma quantidade suficiente de energia foi concentrada na sua criação, tais egrégoras poderiam, como os Velhos de H.P. Lovecraft, sobreviver teoricamente por milênios e se revitalizar pela adoração, devoção ou atenção sendo novamente colocadas sobre elas. Também não penso que isto seja um assunto que o monoteísta possa desconsiderar como um mero problema de "ateus": se uma egrégora é uma falsa entidade psíquica, um ídolo que foi criado pela devoção errada, podemos dizer que as imagens monoteístas de Deus e Cristo estão isentas disto? Alguns afirmam que os demônios não podem assumir estas formas particulares, mas eles podem e o fazem: como então poderíamos explicar o legado sangrento das religiões Abrâmicas, todas elas, como o próprio Moloch, mostrando uma propensão para exigir o sacrifício humano de todos aqueles de discordam delas?

Essa questão gera o assunto de "testar os espíritos" para ver "se eles são de Deus", conforme João 4:1. A perspectiva de Van Dusen nos traz uma luz: "Esta ordem superior mais rara [de espíritos] raramente fala, enquanto que a ordem inferior pode falar incessantemente. A ordem superior provavelmente é mais simbólica, religiosa, apoiadora, genuinamente instrutiva; pode se comunicar diretamente com o sentimento interno do paciente. Se assemelha ao arquétipo junguiano, enquanto que as formas inferiores se assemelham ao id de Freud."(18)

Um outro critério extremamente importante é a quantidade de respeito que estes espíritos demonstram. Contrariamente às entidades possessivas de ordem inferior, os

espíritos de ordem superior encontrados por Van Dusen irão deixar o indivíduo sozinho se notarem que o estão amedrontando. Como Van Dusen fala, "o influxo dos anjos gentilmente conduz ao bem e deixa a pessoa em liberdade".(19)

Isto tudo acaba sugerindo que a energia dos anjos, seja qual for a sua origem, nasce de um nível mais elevado, ou seja, é dotada de um maior grau de liberdade do que aquela dos demônios, cuja existência é mais determinada, mais fixa. Tomberg, reconhecendo isto, chega a dizer que é impossível gerar egrégoras benéficas porque "uma forma não é produzida pela radiação, apenas pela coagulação e condensação. Agora, o bem apenas irradia, nunca condensa. É sempre o mal que faz isto".(20)

Isto não é meramente uma questão acadêmica. Cada dia, novos livros estão sendo publicados sobre a "visualização criativa", cujo cerne é o de criar formas-pensamentos que irão então, nos trazer aquelas "toneladas" usuais de riqueza, felicidade e amor. É necessário pouca experiência para perceber que isso é uma faca de dois gumes. Certa vez fiz alguma "visualização criativa" para gerar o "emprego perfeito" para mim. Durante este processo, tomei todos os cuidados para especificar todos os termos e condições de tal emprego (preencheram bem mais de uma página). Logo depois o emprego apareceu, quase que exatamente da maneira que eu o havia imaginado. Desafortunadamente ele acabou sendo um dos piores trabalhos que já tive, e fui demitido nove meses depois. Obviamente a "forma" que eu havia gerado não era tão benéfica quanto esperava.

Ainda assim, Tomberg parece estar exagerando o caso quando afirma que é impossível criar uma boa egrégora. Muitos grupos esotéricos fizeram precisamente isto, ao formar um "vaso psíquico" que coletasse "o orvalho do céu". Mas penso que mesmo aqui, quanto mais aberto e menos determinado o "vaso", mais bênçãos será capaz de receber - e menos problemas serão gerados aos seus participantes.

A criação de um anjo parece ser ainda menos determinada; é realizada pela oração, bênçãos, boas ações, ou (para um Judeu) pela realização dos "mandamentos" da Torah (já que mitzvah significa 'mandamento' assim como 'boas ações'). Estes elementos não possuem a especificidade da "visualização criativa"- na realidade eles são idealmente realizados sem quaisquer objetivos ulteriores - de tal maneira que eles parecem algo vagos. Mas isto será necessariamente uma desvantagem? Pelo contrário, isto poderá conferir uma latitude mais ampla para a bênção se manifestar no mundo material, porque ela não dita a forma que esta bênção deverá assumir.

Mas poderão existir instâncias nas quais a criação de qualquer tipo poderá não ser benéfica. Nestes casos, Tomberg oferece uma outra sugestão: "Não será este o momento de dizermos para nós mesmos: vamos ficar em silêncio? Vamos tornar nossas vontades arbitrarias e nossas imaginações silenciosas; vamos impor sobre elas a disciplina do silêncio. Não é esta uma das quatro regras tradicionais do Hermeticismo: desafiar, querer, conhecer e ficar em silêncio?" (21)

Isto sugere que ainda mais importante do que saber como usar a vontade e a imaginação é saber quando não usá-las. Talvez estejamos apenas um pouco melhores do que os neuróticos de Van Dusen, talvez o constante remoer das nossas mentes estão, a todo momento, gerando entidades que estão, senão destruindo, ainda assim, nos distraindo e exaurindo. Esta tendência é amplificada pelo clamor da vida moderna, pelos meios de

informação que nos seduzem em direção às necessidades que não sentimos ou medos que sequer imaginariamos. Contrariamente às exortações de muitos dos profetas da New Age, que nos incentivam a "abrir a mente", seria melhor saber quando abrir ou fecha-la. E frente aquilo que já vimos, torna-se claro que esse silêncio não é meramente a dissociação daquilo que não apreciamos, mas uma genuína abstenção de um trabalho de criação, consciente ou inconsciente.

Um número de perguntas ainda devem ser respondidas com relação aos "anjos e demônios" internos. Será que eles, como nas fábulas de Pigmalião, Pinóquio, Frankenstein e o Golem, desejam possuir uma vida autônoma própria? Estarão eles conectados com algum ato de "segurança" somática ou de tensão, como o psiquiatra austríaco Wilhelm Reich acreditava que ocorria com relação aos complexos? Quem ou mais precisamente, o que é o "Eu" que vai assumir o controle da vontade e da imaginação? Finalmente, quem nos criou? Estes assuntos são vastos demais para serem resolvidos aqui. Ainda assim o ponto central nos surge de forma clara: que os nossos pensamentos, por mais efêmeros que possam se parecer, possuem alguma substância no mundo da psique. Alguns desaparecem como as fagulhas do martelo do ferreiro, outros permanecem por mais tempo, aparecendo como complexos, neuroses, ou em casos extremos, como personalidades quase independentes. Mas se podemos obter um vislumbre de como essas entidades são criadas, poderemos também compreender como manter os nossos espaços psíquicos limpos. Como nos lembra o Livro Tibetano dos Mortos, de colocar um olhar crítico e frio sobre as entidades que encontramos, seja na vida como talvez depois da morte, e sermos capazes de "conhecer essas coisas como nossas próprias formas-pensamentos".

Notas:

1. Wilson Van Dusen, *The Presence of Other Worlds* (New York, Swedenborg Foundation, 1974), pp.120-21.
2. *Ibid*, p.126.
3. *Ibid*, p. 128-29.
4. Citado em James B. DeKorme, "Attack of the Archons," em *Gnosis #23* (Primavera 1992), p.21. Um relato excelente de DeKorme sobre as "vozes internas" consideradas como um fenômeno externo.
5. Van Dusen, pp.124-25.
6. *Ibid.*, p. 131.
7. Adin Steinsaltz, *The Thirteen-Petalled Rose* (New York: Basic Books, 1980), pp. 9-11.
8. *Ibid*, p.17.
9. *Ibid*, p.15.
10. [Valentim Tomberg], *Meditations on the Tarot: A Journey into Christian Hermeticism*, traduz. por Robert A. Powell (Amity, N. Y.: Amity House, 1985), p. 408. Todas as ênfases e em todas as outras citações no original.
11. Hayim Nahman Bialik e Yehoshua Hana Ravnitzky, *The Book of Legends: Sefer Ha-Aggadah: Legends from the Talmud and Midrash*, trad. William G. Braude (New York: Schocken, 1993), p. 25.
12. Citado em Alfred Ribic, *Demons of the Inner World: Understanding Our Hidden Complexes*, trad. Michael H. Kohn (Boston: Shambhala, 1990), pp. 37-38.
13. Alexandra David-Neel, *Magic and Mystery in Tibet* (New York: Dover, 1971), pp. 147-48.

14. Ibid. p. 151.
15. Ribí, p.2.
16. Tomberg, p. 421.
17. Ibid., p. 405.
18. Van Dusen, p. 123.
19. Ibid. , p. 134.
20. Tomberg, p. 419.
21. Ibid., p.409.

por: Richard Smoley - "Gnosis Magazine"- Julho de 1992

Tradução: Nokhooja

Publicado no Tentáculo